

---

# Um ano depois da morte de Camilo Castelo Branco

*One year after the death of Camilo Castelo Branco*

Germana Araújo Sales

*Universidade Federal do Pará – CNPq*

## **DOI**

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n53a1338>

## **RESUMO**

No dia 1 de junho de 1890, por volta das 15h, morreu Camilo Castelo Branco (1825-1890), em sua casa, na extinta Freguesia de São Miguel de Seide, causando enorme abalo na comunidade de escritores e intelectuais da época. Não foram poucos os que lhe renderam homenagens por ocasião do falecimento. Um ano depois, a revista *Nova Alvorada* (1891-1903) editou um número exclusivo em tributo ao escritor. O número teve a colaboração da Viscondessa de Correia Botelho (Ana Plácido), Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Manuel Pinheiro Chagas, F. Gomes de Amorim, Alberto Pimentel, Teóphilo Braga, Guiomar Torresão, entre outros que não pouparam adjetivações ao nobre romancista, chamado de mestre, singular pelo engenho e talento raros. É sobre os louvores publicados em reconhecimento e deferência à consagração de Camilo que este ensaio se construiu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camilo Castelo Branco; *Nova Alvorada*; homenagem; literatura.

**ABSTRACT**

On June 1, 1890, at approximately 3:00 p.m., Camilo Castelo Branco (1825-1890) died at his home in the now-defunct parish of São Miguel de Seide, causing great shock in the community of writers and intellectuals of the time. Many people paid tribute to him on the occasion of his death. A year later, the magazine *Nova Alvorada* (1891-1903) published an exclusive issue in tribute to the writer. The issue was written by Viscountess Correia Botelho (Ana Plácido), Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Manuel Pinheiro Chagas, F. Gomes de Amorim, Alberto Pimentel, Teófilo Braga, Guiomar Torresão, among others, who spared no adjectives for the noble novelist, called a master, singular for his rare ingenuity and talent. This essay is based on the praises published in recognition and deference to Camilo's consecration.

**KEYWORDS:** Camilo Castelo Branco; Nova Alvorada; tribute; literature.

**1. OS ROMANCES DE UM HOMEM.**

Também no interior do corpo a treva é profunda, e contudo, o sangue chega ao coração, o cérebro é cego e pode ver, é surdo e ouve, não tem mãos e alcança, o homem claro está, é o labirinto de si mesmo (Saramago, 1988, p. 97).

*Amor de perdição* é considerada a obra mais popular de Camilo Castelo Branco (1825-1890) e suas duas primeiras edições foram publicadas na década de 1860, sendo a primeira em 1862 e a segunda, dois anos depois, no ano de 1864. Quando a quarta e a quinta edição foram editadas, respectivamente em 1876 e 1879, o público português já conhecia as obras *O crime do Padre Amaro*, de 1875, e *O primo Basílio*, de 1878, de Eça de Queiroz. Em vista disso, a quinta edição, divulgada dezessete anos após a primeira, teve novo prefácio do autor que a qualifica como “um êxito fenomenal e extra-lusitano” (Castelo Branco, 1879, p. 15), ainda difundida enquanto as obras realistas já estavam em voga. A obra tinha a “inocência de não devassar alcovas, a fim de que as senhoras a possam ler nas salas, em presença de suas

filhas ou de suas mães, e não precisem de esconder-se com o livro no seu quarto de banho” (Castelo Branco, 1879, p. 15), era “visto à luz elétrica do criticismo moderno” (Castelo Branco, 1879, p. 15) e, por isso, “o bom senso público relê isto, compara com aquilo, e vinga-se barrufando com frouxos de riso realista as páginas que há dez anos aljofarava com lágrimas românticas” (Castelo Branco, 1879, p. 15-16). Em vista dessas conclusões, o prefácio é encerrado com a premonição: “se, por virtude da metempsicose, eu reaparecer na sociedade do século XXI, talvez me regozije de ver outra vez as lágrimas em moda nos braços da retórica, e esta 5.<sup>a</sup> edição do *Amor de perdição* quase esgotada” (Castelo Branco, 1879, p. 16).

Camilo morreria onze anos depois desse episódio e *Amor de perdição* (1879), como toda a sua produção – publicada durante trinta e cinco anos, entre 1851 e 1886 –, atravessou os decênios e alcançou o século XXI, em reedições e traduções nos cinco cantos do continente, o que lhe garantiu o galardão de um dos maiores escritores em língua portuguesa.

O escritor foi reconhecido como “uma das mais eminentes figuras tutelares da literatura portuguesa” (Cabral, 1989, p. 115) e sempre que houve alusão à sua produção, não são poupados os adjetivos que ressoaram ao longo do tempo em que foram vendidos seus livros, desde o primeiro romance, *Anhatema* (1851), quando foi classificado nos jornais de Portugal, como “lindo romance” (Castelo Branco, 1851, p. 88); “romance original” (Expediente, 1850, p. 144.); “romance histórico original [...] excelente romance” (Publicações [...], 1850, p. 336.).

Do primeiro ao derradeiro romance, sem que os transtornos da sua vida afetassem o valor da produção, rotineiros enaltecimentos aconteciam, e nem seu falecimento minimizou as apologias ao romanista e a sua ficção.

No triste primeiro de junho de 1890, a imprensa portuguesa e, igualmente, a brasileira foram unânimes em lamentar a partida fatal de Camilo Castelo Branco, mas, para além do compadecimento e aflição, o engrandecimento da obra tomou destaque. Ainda em 1890, foi lançada uma coleção com o nome do autor, “pela acreditada companhia de publicações ilustradas” (Correio da Manhã, 1890). A coleção reuniu romances do escritor e os anúncios foram frequentes nos periódicos da época.

É graças às folhas diárias que comprovamos a circulação constante dos seus romances a partir de 1851 e presentes ainda hoje nas livrarias, sebos e lojas *on-line*. A exemplo desse triunfo, transcrevo algumas notas de apreciação às publicações, como em 1855, no jornal *Imprensa e Lei*, de Lisboa, identificando o romance *A filha do arcediogo*, como uma “curiosa resenha dos costumes de Portugal, especialmente aquelas de certas classes que não têm merecido a particular observação dos escritores” (*A filha (...)*, 1855, p. 3). Em 1857, o *Diário do Rio de Janeiro* dedica um ensaio “A literatura em 1856”, assinado por Ernesto Biester (1828-1880), transcrito do *Jornal do Comércio* de Lisboa, no qual ressalta a relevância dos nomes de obras e escritores que se sobressaíram naquele ano e Camilo estava entre eles, considerado como um que “conquistou um lugar eminente”, e o livro *Onde está a felicidade?* “cheio de interesse, finalmente traçado e admiravelmente escrito (...) revela um verdadeiro escrito de observação, realçado por um belo talento” (Biester, 1857).

A confirmação do harmonioso dom do escritor mantém-se desde os lançamentos dos escritos até os anos seguintes, já após a publicação final, na mesma sucessão de exaltação e triunfo, como consta no jornal *O Economista*, de 3 de junho de 1890, dois dias depois da morte do escritor, assinalando-o como de “prodigiosa fecundidade”:

na obra de Camilo Castelo Branco, que é eminentemente nacional, há muito a estudar, há muito que aprender. (...) A sua obra é tão vasta que há de espantar os vindouros, tanto a maleabilidade do seu espírito como a sua espantosa fecundidade. (...) Os recursos prodigiosos do seu estilo, o conhecimento perfeitíssimo da sua língua, em todos os seus cambiantes, tudo ele empregou como uma maestria superior, com uma originalidade tão viva e ao mesmo tempo tão portuguesa, que há de fazer o desespero dos que o quiserem imitar. Os seus livros hão de ser um padrão, um repositório sagrado da boa linguagem portuguesa. Eles serão um testemunho eloquente da riqueza da nossa língua e da sua maleabilidade (Camillo [...], 1890, p. 1).

Diante do caloroso acolhimento da obra pelos pares, pela crítica e pelos leitores, a circulação prosseguiu ao longo do século XIX, noticiada em diversos periódicos, a saber no *Correio Paulistano* (1897), quando ocorreu o anúncio de um leiloeiro, o Sr. A. Q. Chaves Leal, que ofertou o catálogo de uma Camiliana, exposta na sua residência, à rua de S. Bento, n. 25-B e atravessou para o século XX, quando é possível comprovar a presença dos livros entre os anúncios das livrarias e obtenções em gabinetes e bibliotecas. O jornal *O Novidade* (1905), de Santa Catarina, lista “os livros que o Grêmio Três de Maio adquiriu, por compra, no Rio de Janeiro, para sua biblioteca” (Notícias, 1905, p. 2). De Camilo Castelo Branco estão trinta e duas obras, sendo ele o autor mais contemplado em número de livros comprados, seguido pelo espanhol Enrique Perez Escrich. Longo também é o rol de obras à venda na Livraria Econômica, divulgada no jornal *Paraná* (1907), com “livros recebidos ultimamente de Lisboa, à venda em Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa” (Livraria [...], 1907.), com vinte e oito livros do romancista.

Sucessivamente às resenhas elogiosas que engrandecem o autor e sua obra, houve ainda aqueles que reclamaram sua perpetuação

para além da literatura, conforme consta no artigo intitulado “Camilo Castelo Branco”, assinado por Plácido Pinheiro e publicado em 23 de agosto de 1912, no jornal mineiro *O Pharol*:

Não deixo, porém, de me sentir bastante magoado de em Portugal erigir monumentos a escritores célebres, sem sequer se lembrarem do brilhante e fecundo Camilo Castelo Branco – o príncipe dos prosadores portugueses. É uma injustiça em deixar à margem do esquecimento este grande vulto das letras portuguesas. O purista, o mais vernáculo, o mais português dos escritores portugueses. O grande paisagista das coisas portuguesas. (...) O autor do *Amor de perdição*, esta obra nobilíssima cheia de encantos, escrita entre dores e lágrimas num cubículo de um cárcere, sem luz, sem conforto e sem uma palavra consoladora que o afagasse as suas mágoas. O *Amor de perdição* nasceu sob soluços e revolta contra os homens. Aquelas páginas de ouro traduzem bem o sentimento da sua dor, o sentimento da alma portuguesa. (...) A sua trajetória neste planeta foi de um sofrer inexaurível: desde o berço ao túmulo, acabando tragicamente, de se suicidar, e ele que tanto falou contra o suicídio, por lhe ter faltado em vida, a vista! Não admira, pois, que sendo em vida injuriado, seja na morte esquecido por seus irmãos, por seus compatriotas, por não saberem que ele fora um dos mais fervorosos amigos da sua pátria. Honrou-a e amou-a. (...) E nem por isso te querem imortalizar em bronze a tua memória. Daí, onde tu te achas entre as almas puras, chorarás a ingratidão dos homens. Porém, já que não tens quem te simbolize em mármore ou gesso, tens as inúmeras obras que valem mais do que uma estátua para te honrar a memória e levar-te à posteridade (Pinheiro, 1912, p, 2).

Entre as queixas quanto à ausência de um monumento, sobressaem os enaltecimentos ao talentoso romancista, que foi propalado regularmente e, dentre as inúmeras venerações que decorreram

após seu falecimento, importa ressaltar o número especial da *Nova Alvorada*, em 1891.

## 2. NOVA ALVORADA: VENERAÇÃO AO MESTRE

Quando se está há longos anos habituado a ouvir falar de um homem, a admirá-lo, a venerá-lo, é naturalmente dolorosíssima a impressão que se recebe com a notícia do desaparecimento imprevisto deste homem, em torno do qual formou-se, pela opinião universal uma auréola de respeito e consideração (A Província: Órgão do Partido Liberal (PE), 1890).

Na imprensa do século XIX, foram comuns as edições destinadas à literatura e, em 1885, circulou em Portugal a revista *A Alvorada*, “publicação mensal auxiliada por escritores distintos e de elevado mérito literário e científico” (Cabral, 1989. p. 27). Foi dirigida por Joaquim de Azuaga, em Vila Nova de Famalicão, e, em 1897, “dedicou um número especial, de 12 páginas, ao aniversário de Camilo Castelo Branco, reunindo um grupo de amigos, verdadeiros admiradores do superior talento do egrégio romancista” (Cabral, 1989. p. 27). Seis anos depois, o periódico tem continuidade com novo nome, como observa Alexandre da Cabral, “no formato e em continuação de *A Alvorada*, publicou-se em Vila Nova de Famalicão o mensário *Nova Alvorada*” (Cabral, 1989. p. 451). O biógrafo ainda assinala que *Nova Alvorada* teve a colaboração dos “nomes mais distintos do tempo” e o patrono era Camilo Castelo Branco. Dentre esses colunistas, são apontados os nomes do erudito José de Azevedo e Menezes (1849-1938); o poeta e bibliógrafo Joaquim Araújo (1858-1917); os escritores Theophilo Braga (1843-1924), Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895), Antero de Quental (1842-1891), Raul Brandão (1867-1930), Francisco Gomes d’Amorim (1827-1891), Gomes Leal (1848-1921); o magistrado Trindade Coelho (1861-1908); o publicista José Caldas (1818-1903); o cônego Alves Mendes (1838-1904); o guarda-livros Joaquim Ferreira

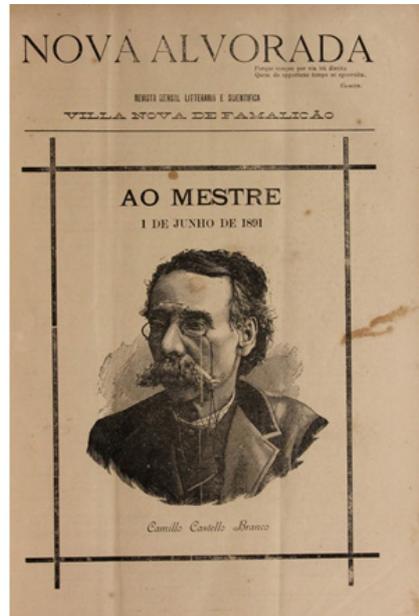
Coutinho (1833-1914); o historiador e político Oliveira Martins (1845-1894); e a escritora e feminista Guiomar Torresão (1844-1898).

Os exemplares da revista foram editados na Tipografia Minerva, entre 1891-1903, e tiveram como epígrafe: “Porque sempre por via irá direita. Quem do oportuno tempo se aproveita”, de Camões. Tem-se notícia de dois números especiais: a edição de 1º de junho 1891 dedicada “Ao Mestre Camillo Castello Branco” e a edição de 12 de outubro de 1892, que celebra o quarto Centenário de Christóvão Colombo. Foram seus diretores Sousa Fernandes (até março 1895) e Sebastião de Carvalho (a partir de abril 1895).

No volume especial da *Nova Alvorada: revista mensal literária e científica* em tributo ao romancista, participaram trinta e um dos seus contemporâneos: Viscondessa de Corrêa Botelho (1831-1895), Oliveira Martins (1845-1894), Ramalho Ortigão (1836-1915), Pinheiro Chagas (1842-1895), Alberto Pimentel (1849-1925), Theophilo Braga (1843-1924), Francisco Almeida<sup>1</sup>, José Francisco Trindade Coelho (1861-1908), Gomes Leal (1848-1921), Gomes d’Amorim (1827-1891), Rodrigo Terroso, José Freitas Costa, Guiomar Torresão (1844-1898), José Caldas, Júlio de Lemos Macedo (1810- 1898), Eduardo Carvalho, José d’Azevedo e Menezes, Álvaro de Castellões (1859-1953), Avelino Guimarães, Luiz de Magalhães, Souza Fernandes, Silva Pinto (1848-1911), Sebastião Carvalho, Abel Botelho, Rodrigo Velloso, Costa Macedo, Azevedo Barranca, Albino Bastos, Joaquim d’Azuaga e Pinto de Souza.

---

<sup>1</sup> Os nomes que constam sem datas de nascimento e morte, não foram possíveis de identificar.

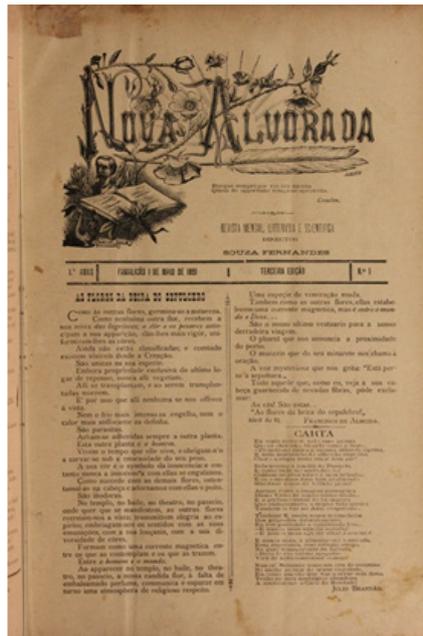
**Figura 1** – *Nova Alvorada*, em homenagem a Camilo Castelo Branco

**Fonte:** Revista Nova Alvorada.

A listagem desses nomes consta no verbete à *Nova Alvorada*, *Dicionário de Camilo Castelo Branco* (1989), organizado por Alexandre de Cabral, e no número em que Camilo é agraciado. Dos que prestaram a deferência “ao mestre”, é possível identificar alguns dos seus contemporâneos, como o intelectual Oliveira Martins (1845-1894); os escritores Ramalho Ortigão (1836-1915), Pinheiro Chagas (1842-1895), José Francisco Trindade Coelho (1861-1908), Gomes d’Amorim (1827-1891), Alberto Pimentel (1849-1925); os poetas e ensaístas Theophilo Braga (1843-1924) e Gomes Leal (1848-1921); a escritora Guiomar Torresão (1844-1898); o procurador régio Júlio de Lemos Macedo (1810-1898); o ex-diretor de *A Alvorada*, Joaquim d’Azuaga; o poeta e deputado Álvaro de Castellões (1859-1953); Silva Pinto (1848-1911), a figura mais curiosa entre os que expressaram a valorização ao escritor português, com quem manteve uma relação conflituosa inicialmente e com posterior reconciliação; e a Viscondessa de Corrêa Botelho (1831-1895), viúva do romancista. Não foi possível reconhecer os demais colaboradores referidos, mas conjecturamos que constituíam parte dos seus admiradores e coetâneos.

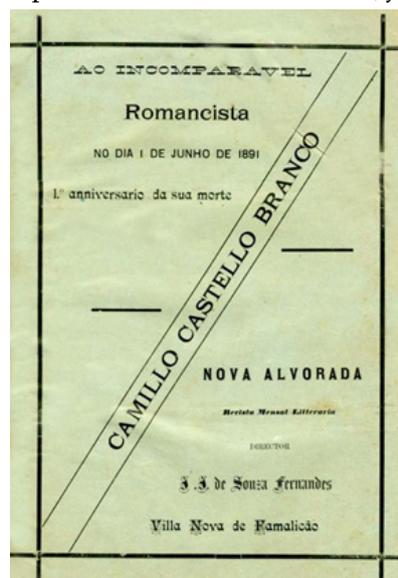
O verbete informa ainda que a revista consagra mais um número à memória do romancista, no terceiro ano da sua morte e “a partir desse fascículo, insere cartas do escritor a vários destinatários”.

**Figura 2** – Capa da revista *Nova Alvorada*, maio de 1891.



**Fonte:** Revista *Nova Alvorada*.

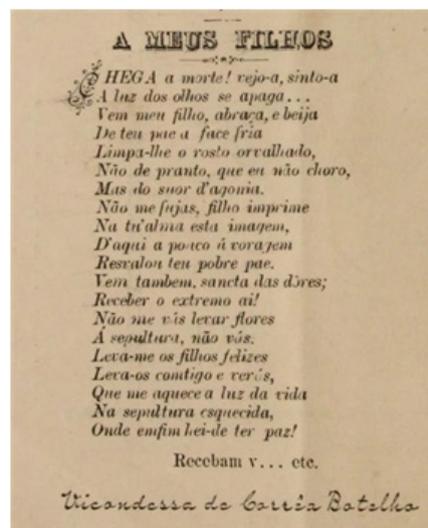
**Figura 3** – Capa da revista *Nova Alvorada*, junho de 1891.



**Fonte:** Revista *Nova Alvorada*.

As imagens das capas são de 1º de maio e 1º de junho de 1891, sendo a segunda (Fig. 3) referente ao número dedicado a Camilo Castelo Branco. Como já dito, mais de três dezenas dos seus contemporâneos dedicaram uma reverência ao escritor, incluindo a viúva Ana Plácido, com carta em que se insere a poesia de Camilo “A meus filhos” (Plácido, 1891, p. 10).

**Figura 4** – poema “A meus filhos”, de Camilo, publicado na revista Nova Alvorada, junho de 1891.



**Fonte:** Revista Nova Alvorada

A Viscondessa de Corrêa Botelho diz-se “penhoradíssima pela homenagem à memória do seu querido morto” (Plácido, 1891, p. 10) e conclui enumerando as qualidades do esposo, com quem conviveu por mais de trinta anos. Sua obra, de mais de “cento e tantos volumes”, garantirá a posteridade ao grande gênio e vulto literário.

Um homem paradoxal, que viveu entre conquistas e dramas. Dentre essas contradições, houve a do amor aos livros e a necessidade de se desfazer deles, quando vendeu sua biblioteca por duas vezes. Na realidade e na ficção, manteve-se “incongruente de lágrimas e

gargalhadas” (Martins, 1891, p. 10), conforme a definição de Oliveira Martins, quando assinala que o escritor “levou a vida a escarnecer e a afligir-se, rindo e chorando de si e dos outros com uma potência singular de patético e de ironia” e ainda ressalta que, para Camilo, “um drama de lances arrebatados e aventuras picarescas” (Martins, 1891, p. 10) reunia “um misto de nobreza espontânea e extravagância ridícula”. Toda essa combinação originou o intelectual que, ao acabar tragicamente com a vida, deixou como herança “a coleção mais abundante e mais sugestiva de obras que há entre os escritores contemporâneos” (Martins, 1891, p. 11).

Foi diante da colossal obra com enredos amenos construídos pelo pensamento livre que Camilo alcançou um caminho vitorioso. Manoel Pinheiro Chagas considerou que seu “gênio potente, individual, dominador, superior a todas as mudanças de escola e de todas as variações da moda, é o que arranca eternamente as gerações que se vão sucedendo às lágrimas e o riso e o que vai do romance” (Chagas, 1891, p. 12), tendo produzido de forma independente, sem amarras a esta ou aquela teoria, e transmite ao leitor

a sensação do mundo externo que ele comunica tal como a recebeu no seu potente cérebro. As figuras dolorosas, plangentes, apaixonadas, que passam nos seus livros envoltas em seus véus prestigiosos, são a encarnação pungente das suas próprias dores, dos seus afetos, das suas idealizações, dos seus êxtases, dos seus arrebatamentos (Chagas, 1891, p. 12).

É a obra de um homem e o homem na obra, como asseverou Pinheiro Chagas: “o mundo que ele revela ao público é o mundo como ele o sentia, ainda mais que o mundo como ele via” (Chagas, 1891, p. 12).

Classificado como “gênio” pela maioria dos seus apreciadores, nos versos de Gomes d’Amorim, há a comparação entre o imortal Cami-

lo com uma “torrente caudalosa, como o Nilo” (Amorim, 1891, p. 12). É nessa corrente que Alberto Pimentel afirma que “a obra de Camilo Castelo Branco há de sugerir ainda uma avaliação de livros, que se irão suceder pelo tempo adiante, criticando-a, comentando-a, explicando-a, desentranhado” (Pimentel, 1891, p. 13). Além disso, foi pela escrita que o homem “de uma vida agitada por amores, por urgências materiais” (Pimentel, 1891, p. 13) garantiu sua existência e independência. É Theophilo Braga que identifica sua obra “à maneira das Confissões de Rousseau” (Braga, 1891a, p. 14), pois são seus livros a revelação da vida “torturada, tempestuosa, exacerbada pelo nervosismo pessimista, e por uma sensibilidade esquisita” (Braga, 1891a, p. 14), que fazia Camilo declarar-se “o maior inimigo de si mesmo” (Braga, 1891a, p. 14).

Contudo, não foi a visão pessimista que rendeu o nome do romancista à posteridade. Francisco de Almeida (1816-18--?) e Gomes Leal (1848-1921) também teceram linhas em honrosos enaltecimentos ao autor. O primeiro garantiu que nem “tudo perece com a morte” (Almeida 1891, p. 15), pois a completude fica na “herança dos seus pensamentos úteis ou belos” (Almeida, 1891, p. 15). Para o escritor, nada sepultaria o gênio de Camilo, que iria ressoar entre todos aqueles que amaram suas obras e admiraram seu engenho e talento. Essa habilidade do romancista é retomada por Gomes Leal quando o classificou como “gênio de todos os tempos” (Leal, 1891, p. 15), cujo “complicado temperamento esteve a serviço ora de uma ideia, ora de uma paixão” (Leal, 1891, p. 15).

Essa imagem do deslumbramento foi captada até por aqueles que estiveram com Camilo por uma única vez, como Trindade Coelho, que descreveu o encontro como “as três horas mais queridas da minha vida ...” (Coelho, 1891, p. 15), mesmo que contemplasse “sua figura física, essa figura que tinha um não sei o que de espectral e de sublime alquebrada, roída, prostrada já então pela atroz tortura mo-

ral que o consumiu, e de que a doença física era, apenas, miserável e íntimo sintoma” (Coelho, 1891, p. 15). O mais formidável de tudo foi que a relevância de destaque para ser lembrado não foi o que o esgotou, mas a obra fundamental para torná-lo sublime, como descrevem os versos de José de Freitas Costa (1840-1896):

Eu lia-o muito, muito! Não havia  
Romance do Camilo que eu não lesse.  
Publicasse ele algum, que eu soubesse,  
Estava-me nas mãos ao outro dia.

E já quando rapaz me acontecia  
Pegarem elas o grande interesse  
Que eu mostrava em o ler. Oh! Mundo não me esquece  
Este caso... de muitas bolaria:

Uma vez, quando eu ia a dar lição,  
Tirei casualmente da sacola,  
Com os livros, o ‘Amor de Perdição’;

Foi-me as unhas o mestre! O mariola  
Vingava-se de eu já saber então  
Muito mais português.... que o mestre-escola (Costa, 1891, p. 16).

Camilo, o escritor que incutiu o sentimento de nacionalidade aos portugueses com suas obras e o homem de enorme produção das letras, que experimentou a escuridão desoladora capaz de turvar igualmente seu espírito, demonstra que essa experiência consistiu em seu martírio, como descreveu José Caldas: “foi mártir da sua própria superioridade. Sepultou-se no mesmo fogo que o produziu” (Caldas, 1891, p. 16), como a grandeza que sintetizou sua obra, de acordo com Guiomar Torresão, em duas complexas formas: “o romance e a história, que o consagrou no mundo ocidental” (Torresão, 1891, p. 16).

Foi ele considerado “o mais distinto literato do seu tempo”, na definição de Júlio de Lemos Macedo, quando o reconhece como “um vencedor nas letras” (Macedo, 1891, p. 16), reconhecido pelos seus contemporâneos e consagrado na história pela individualidade literária e, assim, considerado “o maior talento nacional do século” (Carvalho, 1891, p. 17), nas palavras de Eduardo Carvalho, que compara o acontecimento da sua morte a de outros escritores, com final igualmente “imprevisto, senão trágico (...) um fim que estivesse em harmonia com sua vida, a queda do lutador com as proporções gigantescas do vencido” (Carvalho, 1891, p. 17). Para o escritor, vencidos igualmente foram Camões, “morto de fome nos braços de um escravo”; “Dante no desterro, quando lutava para entrar na pátria”; “Cervantes esquecido dos seus compatriotas e em guerra com a miséria” (Carvalho, 1891, p. 17). Por fim, afirmou: “estas mortes são como o suicídio, porque o arrastam ou o equivalem; e o suicídio é extraordinário e terrível, muitas vezes heroico, porque é um aniquilamento, um extermínio!...” (Carvalho, 1891, p. 17). Por isso mesmo ficou Camilo reputado como o “vulto colossal do maior homem de Letras que Portugal produziu” (Freitas, 1891, p. 17), consoante Dias Freitas.

O escritor foi vitimado por um desvairamento, oriundo das suas amarguras, e Avelino Guimarães cita um fragmento de uma carta escrita por Camilo, em 1889, que endossa seu estado de desgosto: “nas onze dúzias de livros que fabriquei não há uma elegia. As minhas elegias são tristezas incomensuráveis.. .. Haverá grandes desgraçados que comparados comigo, se considerem quase felizes” (Guimarães, 1891, p. 18). Torna-se até ambíguo que de um ser tão despedaçado tenha sido edificada uma obra que ficou considerada como “um dos mais inestimáveis documentos literários” (Magalhães, 1891, p. 18), com “personagens cômicos ou trágicos, ridículos ou sublimes heróis de drama ou heróis de farsa, sempre animados pela centelha

do seu gênio criador” (Magalhães, 1891, p. 19), conforme Luiz de Magalhães.

Reconhecido repetidamente como gênio, também lhe foi dada a alcunha de mestre, “pelo consenso unânime de todos os escritores (...) a figura mais levantada e proeminente dos tempos modernos” (Velloso, 1891, p. 20). Nas palavras dedicadas por Rodrigo Velloso, Camilo foi reconhecido pela “inteligência luminosa, imaginação inventiva e fertilíssima, imenso cabedal de conhecimentos, ciência profunda do coração humano e de todo o jogo e maquinismo das paixões” (Velloso, 1891, p. 20), como também foram consideradas sua “observação e perscrutação acuradas e sempre seguras das pessoas e das coisas” (Velloso, 1891, p. 20).

Camilo recebeu a distinção merecida, pela “influência que no seu meio essa poderosíssima inteligência exerceu, presta não só um grande serviço à literatura pátria, como realiza a melhor comemoração que na data do seu lutuoso aniversário podia render-se” (Baranca, 1891, p. 21). Camilo Castelo Branco constituiu-se como um monumento literário, capaz de receber os mais intensos atributos, quando comparado a uma constelação. Albino Bastos ressalta “sua figura gigantesca destaca-se entre todos os mais célebres, na portada grandiosa da república das letras” (Bastos, 1891, p. 21), elencando sua grandeza nas diversas categorias em que o romancista manejou sua pena, estabelecendo comparações:

[...] como jornalista foi uma organização social igual a Girardin Thiers e outros; Como romancista, o seu estilo pode medir-se com Gautier e Balzac e como polemista foi um colosso, possuindo a força de Luiz Veuillot e o ardor comunicativo de Rochefort, o excêntrico humorismo de Sterne, Musset e o riso demolidor de Rabelais e Voltaire. [...] A sua figura gigantesca destaca-se entre todos os mais célebres, na portada grandiosa da república das letras, por isso só poderão cantar o herói, esses vultos cujo nome brilha

no horizonte da literatura e da ciência, como astro das alvoradas (Bastos, 1891, p. 21).

A morte de Camilo Castelo Branco deixou enorme consternação entre aqueles que conviveram com ele, que acompanharam seus dilemas, perdas e pesares. A homenagem publicada pela *Nova Alvorada* trouxe como derradeiro texto um tributo de Theophilo Braga, como reconhecimento àquele que “fez sua pena utensílio e forma” (Braga, 1891b, p. 23) por quarenta anos, o que deu sentido à sua eternização efetiva e contradiz as “leis brutas, cegas ou inconscientes da natureza que tudo arrasta na mesma corrente de transformação” (Braga, 1891b, p. 23). Teophilo Braga definiu sua criação literária como uma obra de luta, numa fase de transição e que “exprime a pureza no sentimento, o vigor da paixão, a santidade doméstica, o meio social português e há os produtos forçados por situações angustiosas, que serão excelentes traços autobiográficos, documentos de uma existência trabalhada” (Braga, 1891b, p. 23).

As expressões escritas por Teophilo Braga estão comovidas, tanto quanto as demais que apregoaram o afeto perante o escritor de grande valor para a literatura, eternizado após séculos, reeditado em diferentes línguas, relido por diversas gerações, com o “poder dos gênios eleitos” (Braga, 1891b, p. 23).

### **3. “QUE PODEREI EU DIZER DE CAMILO CASTELO BRANCO?”**

Os gigantes não morrem como pigmeus.

Os gênios não somem como as vulgaridades (Carvalho, 1891, p. 17)

A edição da *Nova Alvorada* dedicada a Camilo Castelo Branco “compenetrou-se do rigoroso e imprescindível dever de honrar a memória do preclaríssimo mestre, obedecendo d’alma e coração a

esta ordenança d'outro genial vidente: *Onorate l'altissimo scrittore*" (Nova Alvorada, 1891).

Camilo Castelo Branco mereceu as devidas honras por ser considerado o "príncipe das letras portuguesas", tendo exercitado a pena na poesia, no teatro e no jornalismo e firmando-se como escritor público. A personalidade pode ser considerada polêmica, atrevida e ar-revesada, mas foi assim que conquistou sua "posição primacial: jornalismo, dramaturgia, novelística e polêmica" (Cabral, 1989, p. 116).

Nas medidas tecidas, alguns colaboradores da revista focaram mais na vida pessoal do autor, como se os episódios correspondessem a um romance dele próprio, em que são exaltados os aspectos trágicos e dramáticos da vida particular. Isso não surpreende, já que a fama desperta interesse pela intimidade, fazendo com que os comentários alcancem mais o ser humano do que a produção literária. Não por acaso a revista *Nova Alvorada* dedicou um número especial ao romancista, como demonstração do quanto ele foi uma figura famosa na época, uma verdadeira personalidade.

Quando José de Freitas Costa afirma em seus versos: "Eu lia-o muito, muito! Não havia / Romance do Camilo que eu não lesse. / Publicasse ele algum, que eu soubesse, / Estava-me nas mãos ao outro dia" (Costa, 1891, p. 16), o autor enfatiza a espera pelo lançamento dos romances do autor para que os lesse, o que demonstra o quanto o prestígio do nome do Camilo já era mais do que suficiente para referendá-lo. Bastava que fosse um livro dele para que o público se interessasse.

Camilo teve sua grandiosidade reconhecida quando cotejado por Albino Bastos a outros escritores célebres da época, nomes tradicionais da literatura, como o entusiasta do romantismo Théophile Gautier (1811-1872), o prolífero romancista Honoré de Balzac (1799-1850), o ultrarromântico Luiz Veillot (1813-1883), o poeta Alfred de Mus-

set (1810-1857), o escritor François Rabelais (1494-1553) e o pensador Voltaire (1694-1778). A estratégia discursiva de equiparar e nivelar o escritor em discussão com outros de mérito foi muito utilizada pela crítica literária nos jornais do século XIX. Ao uniformizar o escritor em discussão com outros de vulto e envergadura, é uma forma de exaltá-lo e enobrecê-lo.

As aclamações à genialidade criadora foram uma celebração da estratégia que ele mesmo exercitou com sua autopromoção e, graças à sua intuição, granjeou notoriedade para sua produção, ora como autor, ora como próprio crítico revestido em pseudônimos, como relata seu biógrafo:

cedo se apercebeu que a imprensa era o veículo mais apropriado para alcançar esse objetivo. E utilizou-se sem constrangimentos, com o instinto de um publicitário profissional, forjado sem dúvida no reconhecimento da tremenda eficácia das gazetas: falou dos seus próprios trabalhos, acoberto de pseudônimos, ora elogiando-os, ora ridicularizando-os; enalteceu as ovações recebidas, quando representaram as suas peças, e as coroas – verdadeiras ou fictícias – que os amigos lhe ofereciam quando em público se liam poesias da sua lavra (Cabral, 1989, p. 116).

Camilo trabalhou quarenta e cinco anos dos sessenta e cinco vividos. Escreveu diferentes gêneros e publicou entre diversas modalidades, como: antologia, biografia, crítica, epistolografia, história, miscelânea, narrativa, polêmica, romance, teatro, versos, folhetos, prefácios e traduções (Cabral, 1989, p. 67-68). Somam-se duzentos e três títulos entre 1845 e 1890, o que perfaz uma média de produção de quatro obras e meia. Tivesse o escritor vivido mais, tivesse a cegueira não atacado sua visão, tivesse ele uma vida menos desastrosa, em qual número teria chegado sua genialidade? Em outros termos, diante desse arremate cronológico, é legítimo certificar a Camilo a

alcunha de mestre, de incomparável, de sublime, mesmo diante de uma alma atormentada e um corpo doente, e a morte professada aos cinquenta e oito anos de idade:

há consolações para desgraçados como eu; são os sentimentos de sincera compaixão que o seu folhetim define. Quanto a resignar-me o viver, não posso. Sinto a penetrante verdade do nosso velho amigo Frei Luiz de Sousa: ‘Desbaratam a saúde corporal os desgostos da alma, e, se caem sobre vida acossada de trabalhos, como achem a matéria disposta, os seus efeitos são maiores e mais nocivos’. (...) O vazio que sinto, aos 58 anos, não há em toda a natureza uma sensação real ou quimérica que o encha. Encaro a morte como uma redenção; e morria ateu, se o não fosse desde que sei discorrer (Castelo Branco, 1894 *apud* Martha Cardoso, 1918, p. 24).

Por fim, as palavras de Camilo ressaltam a fatalidade à qual viveu e não conseguiu conformar-se, rendendo-se à morte. Não obstante a partida malograda, o romancista e sua obra permanecem entre os leitores, e pode-se concluir que uma das instâncias de consagração que contribuiu para a manutenção do seu renome foi o reconhecimento dos pares. Aqueles que eram celebridades no mundo das letras no ano de 1891, que o respeitaram como escritor notável, de talento validado.

Que poderá se dizer mais sobre Camilo Castelo Branco?

RECEBIDO: 15/07/2024

APROVADO: 09/08/2024

## REFERÊNCIAS

A FILHA do arcediogo. *Imprensa e Lei*, Lisboa, p. 3, 1855.

ALMEIDA, Francisco. Camilo Castelo Branco. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 14-15, 1891.

AMORIM, Francisco Gomes. A Camilo Castelo Branco (no 1º. Aniversário da sua morte). *Nova Alvorada*, Portugal, p. 12, 1891.

- BARRANCA, Azevedo. Meus Amigos. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 21, 1891.
- BASTOS, Albino. À Nova Alvorada. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 21, 1891.
- BIESTER, Ernesto. A literatura em 1856. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1857.
- BRAGA, Theóphilo. [Sem título]. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 23, 1891b.
- BRAGA, Theóphilo. Camilo Castelo Branco. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 14, 1891a.
- CABRAL, Alexandre. *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- CALDAS, José. “?”. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 16, 1891.
- CAMILLO Castelo Branco. *O Economista*, Lisboa, p. 1, 3 jun. 1890.
- CARVALHO, Eduardo. A morte de Camilo. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 17, 1891.
- CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. 5. ed. Porto e Braga: Editora Livraria Moré, 1879.
- CASTELO BRANCO, Camilo. Anhatema – romance original de Camillo Castello Branco. *Miscellanea Poetica, Jornal de Poesias Ineditas*, 1851
- CASTELO BRANCO, Camilo. Prefácio da quinta edição. In: CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. 5. ed. Porto e Braga: Editora Livraria Moré, 1879. p. 11-13.
- CHAGAS, Manoel Pinheiro. Camilo. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 11-12, 1891.
- COELHO, Trindade. Réquiem.... *Nova Alvorada*, Portugal, p. 15, 1891.
- COSTA, José Freitas. [Eu lia-o muito, muito! Não havia]. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 16, 1891.
- FREITAS, Dias. [Sem título]. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 17, 1891.
- GUIMARÃES, Avelino. Antes do suicídio. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 18, 1891.
- LEAL, Gomes. [Sem título]. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 15, 1891.
- LIVRARIA Economia. *Paraná*, 1907.

MACEDO, Júlio de Lemos. “Vencedor e Vencido”. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 16, 1891.

MAGALHÃES, Luiz de. [Sem título]. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 19, 1891.

MARTHA, M. Cardoso (Org., prefácio e notas). *Cartas de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Tipografia Colonial, 1918.

MARTINS, Oliveira. Carta ao redator da Nova Alvorada. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 10-11, 1891.

NOTÍCIAS. *O Novidade*, Santa Catarina, p. 02, 1905.

PIMENTEL, Alberto. “A obra de Camilo”. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 12-13, 1891.

PINHEIRO, Plácido. Camilo Castelo Branco. *O Pharol*, Minas Gerais, p. 2, 23 ago. 1912.

PLÁCIDO, Ana. Carta à redação da Nova Alvorada. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 10, 1891.

PUBLICAÇÕES Literárias. *A Semana: Jornal Litterario*, 1850.

QUEIROZ, Eça de. *O crime do Padre Amaro*. Porto: Editora, Livraria Chardron, 1875.

QUEIROZ, Eça de. *O primo Basílio*. Porto: Editora, LELLO, 1878.

SARAMAGO, *O ano da morte de Ricardo Reis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TORRESÃO, Guiomar. Os grandes escritores portugueses. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 16, 1891.

VELLOSO, Rodrigo. [Sem título]. *Nova Alvorada*, Portugal, p. 20, 1891.

Periódicos:

A PROVINCIA: ÓRGÃO DO PARTIDO LIBERAL. Pernambuco, 1890.

A SEMANA: JORNAL LITTERARIO. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 1897.

EXPEDIENTE, Portugal, 1850.

NOVA ALVORADA. Portugal, 1891.

O ATHENEU. Lisboa, 1850.

O ECONOMISTA. Lisboa, 1890.

O NOVIDADE. Santa Catarina, 1905.

### **MINICURRÍCULO**

**GERMANA ARAÚJO SALES** é Professora titular do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), da Universidade do Federal do Pará (UFPA), com atividade docente na Graduação e Pós-Graduação e Pesquisadora 1D do CNPq. Doutorado em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) (2003). Atual Coordenadora da Cátedra João Lúcio de Azevedo, vinculada à Reitoria da Universidade Federal do Pará e ao Instituto Camões. É membro do atual conselho da ABRALIC, representante da região Norte na ABRAPLIP e membro associado benfeitor do Real Gabinete Português de Leitura. É coordenadora científica do acordo marco de cooperação entre Università Degli Studi di Perugia (ITALIA) Piazza dell Università Perugia e Universidade Federal do Pará/UFPA (BRASIL). Atua na área de Letras e possui experiência em Literatura, com ênfase na História da Literatura, História do Livro e da Leitura, ensino de Literatura e Literatura Portuguesa, com destaque nos seguintes temas: comércio de livros; estudos do romance; crítica ao romance, literatura e direitos humanos e literatura e sociedade. Publicou capítulos de livros, artigos e organizou coletâneas de livros.